

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
CAMPUS LAGOA DO SINO
ADMINISTRAÇÃO COM ÊNFASE EM SISTEMAS AGROINDUSTRIAIS

Vitória Lourdes Brito de Sousa

**ENTREGADORES DE APLICATIVOS NAS CHARGES *OS EMPREENDEDORES*:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

Buri - SP

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
CAMPUS LAGOA DO SINO
ADMINISTRAÇÃO COM ÊNFASE EM SISTEMAS AGROINDUSTRIAIS

Vitória Lourdes Brito de Sousa

**ENTREGADORES DE APLICATIVO NAS CHARGES *OS EMPREENDEDORES*:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Administração com Linha de formação em sistemas na Universidade Federal de São Carlos.

Orientação: Prof. Dra. Ilka de Oliveira Mota

Buri - SP

2024

Sousa, Vitória Lourdes Brito de

Entregadores de aplicativos nas charges Os
Empreendedores: Uma Análise Discursiva / Vitória
Lourdes Brito de Sousa -- 2024.
33f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus Lagoa do Sino, Buri
Orientador (a): Ilka de Oliveira Mota
Banca Examinadora: Alice Miguel de Paula Peres, Icléia
Caires Moreira
Bibliografia

1. Precarização do trabalho. I. Sousa, Vitória Lourdes
Brito de. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Lissandra Pinhatelli de Britto - CRB/8 7539

Vitória Lourdes Brito de Sousa

**ENTREGADORES DE APLICATIVO NAS CHARGES *OS EMPREENDEDORES*:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Administração com Linha de formação em Sistemas na Universidade Federal de São Carlos. Buri, 05 de fevereiro de 2024.

Orientadora

Dra. Ilka de Oliveira Mota

Universidade Federal de São Carlos

Examinadora

Dra. Alice Miguel de Paula Peres

Universidade Federal de São Carlos

Examinadora

Dra. Icléia Caires Moreira

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

AGRADECIMENTO

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à Ilka de Oliveira Mota, minha orientadora, pela orientação sábia, paciência infinita e pela inspiração constante para alcançar excelência acadêmica.

Sou grata aos meus pais e familiares, pelo suporte incondicional e pela compreensão ao longo de toda a jornada acadêmica.

Agradeço também aos professores e profissionais que contribuíram para a minha formação.

Uma palavra especial de agradecimento aos colegas de classe, por compartilharem risos, desafios e conquistas ao longo desta jornada.

Por fim, minha gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho. Que este seja apenas o início de uma jornada repleta de aprendizado contínuo e realizações.

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo fundamental analisar charges que abordam o tema do trabalho de entregadores de aplicativo, buscando compreender discursivamente seu modo de funcionamento. Para isso, apoiou-se no aparato teórico-metodológico da Análise de Discurso Materialista, que trabalha no entremeio Língua, História e Inconsciente na interface com a Sociologia do Trabalho (Antunes, 2008; 2019; 2020; 2021). O *corpus* analítico é constituído de charges do cartunista Toni D'Agostinho, mais precisamente suas charges pertencentes à série intitulada “Os Empreendedores”. O resultado das análises mostrou que, por meio do recurso linguístico-discursivo da ironia, as charges desconstróem o discurso do empreendedorismo que está na base do discurso das empresas-aplicativo, colocando em evidência a insegurança, a vulnerabilidade e a precarização do trabalho na era neoliberal.

Palavras-chave: Entregadores de app. Charges. Discurso. Precarização do trabalho. Uberização.

ABSTRACT

This work aimed to analyze cartoons that deal with the theme of the work of app delivery workers, seeking to discursively understand their mode of operation. For this, it relied on the theoretical-methodological apparatus of Materialist Discourse Analysis, which works in between Language, History and the Unconscious at the interface with the Sociology of Work (Antunes, 2008; 2019; 2020; 2021). The analytical *corpus* consists of cartoons by the cartoonist Toni D'Agostinho, more precisely his cartoons belonging to the series entitled “The Entrepreneurs”. The results of the analysis showed that, through the linguistic-discursive resource of irony, the cartoons deconstruct the discourse of entrepreneurship that is the basis of the discourse of application companies, highlighting insecurity, vulnerability and precariousness of work in the neoliberal era.

Keywords: App delivery workers. Cartoons. Discourse. The precarization of work. Uberization.

**LISTA DE FIGURAS / LISTA DE TABELAS/ LISTA DE ABREVIATURAS,
SIGLAS E SÍMBOLOS**

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Charge 1 “Eu não durmo”	23
Figura 2 – Charge 2 “O descanso dos <i>bikeboys</i> ”	24
Figura 3 – Charge 3 “O tempo exaustão”	26
Figura 4 – Charge 4 “Tive um acidente”	27
Figura 5 – Charge 5 “A parceria”	28

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A ABORDAGEM DISCURSIVA DA LINGUAGEM	11
2.1 TEXTO E DISCURSO.....	12
2.2 AS ESPECIFICIDADES DO TEXTO CHARGE.....	12
2.3 A IRONIA E (N)O PROCESSO DE LEITURA.....	14
3. A ERA DO TRABALHO DIGITAL.....	18
3.1 O TRABALHO DE ENTREGADOR DE APLICATIVO OU ENTREGADORES UBERIZADOS.....	18
4. ANÁLISE DAS CHARGES <i>OS EMPREENDEDORES</i>	22
5. CONCLUSÃO.....	29
REFERÊNCIAS.....	31

1. INTRODUÇÃO

A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes. (...) A sociedade divide-se cada vez mais em dois campos opostos, em duas grandes classes em confronto direto: a burguesia e o proletariado.”
(Marx; Engels, 1998, p. 40-41)

Este artigo busca analisar charges que trazem em seu bojo o tema do trabalho de entregadores de aplicativo, também denominado atualmente como “trabalhadores uberizados”. Para isso, valer-nos-emos do referencial teórico-metodológico da Análise de Discurso de cunho materialista que trabalha no entremeio entre Língua, História e Inconsciente na interface com os estudos da Sociologia do Trabalho (Antunes, 2008; 2019; 2020; 2021). Nosso *corpus* analítico é constituído de charges de autoria de Toni D’Agostinho, hospedadas em seu blog www.acarticultura.com.br. Tais charges fazem parte da série intitulada “Os empreendedores” e retratam, de uma forma condensada, o dia-a-dia dos entregadores de aplicativo com ênfase no discurso do empreendedorismo sobre sua atividade.

A título de organização do artigo, antes de analisar as charges, iremos delinear o lugar teórico-metodológico de onde enunciamos, trazendo para a consideração as noções teóricas de texto, discurso e formação discursiva mobilizadas na análise; explicitar as especificidades do trabalho dos entregadores vinculados a plataformas de entregas via aplicativo na era da Economia da Tecnologia Digital, também conhecida como *Gig Economy* e, finalmente, discutir sobre o funcionamento discursivo do gênero “charge”, atentando-nos para a suas regularidades. Por fim, e não menos importante, farão também parte de nossa reflexão a consideração sobre a leitura e, em especial, a ironia como recurso linguístico-discursivo.

2. A ABORDAGEM DISCURSIVA DA LINGUAGEM

A Análise de Discurso (AD doravante) de cunho materialista se constitui pela relação que estabelece com três disciplinas do conhecimento científico, a saber: Linguística, Marxismo e Psicanálise. Assenta-se em pelo menos quatro postulados importantes, a saber:

i. A linguagem é opaca, isto é, ela tem historicidade (Orlandi, 1999), o que permite ao analista de discurso compreender e explicitar os processos de significação postos em funcionamento no(s) discurso(s);

ii. O sujeito é constituído pelo outro (Outro) e pela memória: conjunto de dizeres já ditos e esquecidos que determinam e sustentam o dizer¹;

iii. Não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia (Pêcheux, 1975): isto é, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua(gem) significa;

iv. O sentido é relação a, ou seja, não há sentido em si ou colado às palavras. Estas tiram seus sentidos das formações discursivas e das posições dos sujeitos colocadas em jogo no discurso.

A AD ainda considera que o discurso é uma prática simbólica que se inscreve na história. Pêcheux (1969) o define como efeito de sentidos entre locutores historicamente situados, lugar no qual o pesquisador pode observar a relação entre língua e ideologia². Essa relação constitui no dizer regiões de sentidos ou formações discursivas (FDs), que correspondem às diferentes formações ideológicas de uma formação histórica. De acordo com Courtine (1982), cada FD corresponde a um domínio do saber que “[...] funciona como um princípio de aceitabilidade discursiva para um conjunto de formulações (determina ‘o que pode e deve ser dito’) e também como princípio de exclusão do não dizível” (Courtine, 1982, p. 249).

Ao enunciar, o sujeito linguageiro se projeta imaginariamente na forma-sujeito da FD com a qual está filiado ideológica e inconscientemente, assumindo seus sentidos enquanto sistema de evidências e de significações percebidas, aceitas e experimentadas (Pêcheux, 1988).

As FDs são heterogêneas e se relacionam de modos diversos entre si (por aliança, conflitos, contradição etc.). Entretanto, no modo de organização imaginária, as FDs comparecem sob o efeito da homogeneidade – do sujeito e dos sentidos. No processo de escuta

¹ Trata-se aqui dos conceitos de esquecimento número 1 e 2 de que fala Freud e retomados pela Análise de Discurso (Orlandi, 1999), mas, em razão do espaço concedido, não os aprofundaremos.

² Na AD materialista o discurso é compreendido como um objeto sócio-histórico e ideológico, isto é, prática social produzida na história.

analítica, esse efeito de homogeneidade é desfeito pelo analista da linguagem, resvalando a heterogeneidade constitutiva do discurso.

2.1 Texto e discurso

Para a AD, o texto é compreendido como unidade complexa de significação (Orlandi, 2001), uma vez que ele é produzido em determinadas condições de produção e estabelece relações com outros discursos. Enquanto materialidade simbólica, todo texto é construído a partir de outros textos, de outros discursos, sempre marcado por sua relação com a exterioridade, que é constitutiva.

A partir dessa posição, interessa-nos abordar o texto como um modo de formulação atravessado pelo interdiscurso, isto é, pela memória discursiva (o saber discursivo) que se constitui ao longo da história e produz dizeres para e por sujeitos historicamente constituídos e atravessados pelo inconsciente.

Enquanto espaço heterogêneo, o texto está vinculado a um discurso que é, para Authier-Revuz (1998), um conjunto de regularidades enunciativas, a partir do qual se manifesta a dispersão do sujeito, que é heterogêneo e cindido por excelência.

Do ponto de vista do discurso, texto é tudo que provém de um discurso que o sustenta. Sendo assim, um texto não consiste só e unicamente de palavras nem por um número limite delas. Neste sentido, uma palavra pode ser concebida como texto desde que seja revestida de textualidade, isto é, quando sua interpretação derivar de um discurso que a sustenta, isto é, que a provê de realidade significativa (Orlandi, 2001). O mesmo se dá com o universo visual (misto ou verbo-visual), como é o caso de nosso *corpus* analítico: as charges.

2.2 AS ESPECIFICIDADES DO TEXTO CHARGE

Compreendemos as charges como um objeto discursivo, que é constituído historicamente, o que significa que elas são concebidas dentro de um espaço-tempo determinado e que modificam a relação dos sujeitos com os objetos a saber.

Quanto a seu aspecto linguageiro, as charges são um tipo de texto que se caracteriza pelo jogo entre os planos verbal e não verbal conjuntamente, o que rompe com a ideia hegemônica de texto como um conjunto de palavras organizadas. Entretanto, há também charges constituídas apenas pelo plano não verbal.

Para Carmelino e Possenti (2019, p. 32), as charges são um tipo de gênero, “seja por sua estrutura, seja por suas formas de circulação e também por sua peculiar relação com o contexto histórico e social”. Enquanto tal, as charges são um gênero opinativo, multimodal e assinado, isto é, elas têm uma autoria institucionalmente reconhecida e versam sobre temas e fatos reconhecidos socialmente. Enquanto manifestação artística, os temas de que tratam as charges são recriados por meio de recursos gráficos, daí seu caráter de síntese (condensação), simplificação e/ou exagero em alguns casos.

A retomada é um dos elementos que constituem o discurso chargístico, ou seja, as retomadas de informações que circulam na sociedade estão na base desse tipo de texto, estabelecendo um jogo entre o interdito e o permitido (Teixeira, 2005).

Para compreender o jogo que as charges estabelecem, é preciso que o leitor faça um exercício (inconsciente) de retomada de enunciados, informações e acontecimentos que circulam na sociedade, em grande parte na mídia. Sem essa compreensão, o texto não faz sentido (o *nonsense* se estabelece) e não se cumpre o seu objetivo.

A memória discursiva é um conceito importante para compreender a trama de sentidos que costura o texto chargístico. Para Pêcheux (1999), o conceito de memória diz respeito a um implícito, a algo da ordem da coletividade.

Para a AD a memória não se refere à lembrança, mas a algo que se inscreve nas práticas discursivas, garantindo a continuidade dos sentidos ao longo do tempo. Para Courtine (2009), há dois movimentos na consideração da discursividade e da memória: o primeiro diz respeito à retomada de discursos, ainda que transformados; o segundo, ao esquecimento (apagamento).

No processo de escuta analítica, as retomadas são fundamentais para a compreensão da trama de sentidos que tecem as charges, pois elas permitem recuperar, na memória discursiva, formulações produzidas anteriormente. De acordo com Courtine (2009, p. 103), “toda formulação apresenta em seu ‘domínio associado’ outras formulações que ela repete, refuta, transforma, denega, isto é, em relação às quais ela produz efeitos de memória específicos.”

Além desse aspecto de retomada, a charge pode contar, de modo sintético, uma história. Por meio de seus recursos gráficos, ela pode condensar, em um mesmo espaço (quadro), um acontecimento ou um fato ocorrido na sociedade. Ou seja, as charges, enquanto texto, funcionam pelo recurso da síntese, também conhecido como técnica de condensação, que é um tipo específico de elaboração dos sentidos.

Resta discorrer, ainda que sucintamente, sobre o caráter humorístico das charges. Enquanto uma prática de linguagem, o campo da comicidade, do qual deriva o chiste, o cômico

e o humor, conforme a distinção estabelecida por Freud (1905), se manifesta, em sua maioria, na relação conjunta entre a materialidade linguística e imagética. Na esteira de Mota (2018), recorrendo a recursos expressivos constitutivos da própria estrutura significativa do sistema linguístico (tais como duplicidade de efeitos discursivos, ironia, ambiguidade, equívoco, trocadilhos, jogos de palavras), e do sistema imagético (desenho, caricatura, palavras iconizadas, palavras onomatopaicas), o campo da comicidade atesta, pois, o caráter oscilante da língua(gem), desestabilizando-a das estruturas lógico-matemáticas a que ela, muitas vezes, é submetida (FERREIRA, 2000).

Desse modo, as charges não são um mero objeto de entretenimento e brincadeira; elas implicam relações sociais e políticas sérias, funcionando muitas vezes como forma de posicionamento político e crítica social contundente. Quanto a isso, vale lembrar que Gadet e Pêcheux (2004) problematizam a ideia de que o humor é fruto de uma mera brincadeira, que não requer um exercício intelectual. Para estes autores, o humor e a poesia não são “o domingo do pensamento [...] mas pertencem aos meios fundamentais de que dispõe a inteligência política e teórica...”. Eles não apenas sustentam que a língua é capaz de humor e de poesia, como defendem, citando Bertold Brecht, que é “difícil aderir ao Grande Método (a dialética) quando não se tem humor”: a história, com suas contradições, requer uma posição humorada, aberta ao equívoco e ao disparate.

2.3 A IRONIA E (N)O PROCESSO DE LEITURA

Da perspectiva dialógica da linguagem, a leitura é um processo de compreensão ativa, ou seja, ela exige uma tomada de posição do sujeito leitor a respeito do discurso (texto) do outro (autor), com fins de “analisar suas palavras, confirmá-las, adotá-las, contrariá-las ou criticá-las em constante apreciação valorativa e réplica na relação dialógica que se desdobra durante o processo de leitura.” (Holanda, 2016, p. 97).

Nessa mesma direção, Orlandi (2012, p. 101) considera que a leitura é produção de sentidos, seja reproduzindo-os ou transformando-os; em suas palavras: “quando estamos lendo, estamos participando do processo (sócio-histórico) de produção de sentidos.”

Nesse sentido, longe de ser uma prática de decodificar os signos linguísticos presentes no texto, a leitura é um processo de construção de sentidos que demanda interação e relações de sentido entre sujeitos historicamente constituídos. Numa abordagem bakhtiniana, Holanda (2016, p. 97) assevera:

o sujeito leitor, ao interagir com o texto e também com o autor, realiza uma atividade dialógica, cooperativa e que envolve atitudes responsivas ativas, no processo de construção de sentidos. O que é a atitude responsiva? Quando o leitor aceita e/ou refuta as informações contidas em um texto, construto bakhtiniano denominado compreensão responsiva ativa.

Da perspectiva materialista do discurso, para compreender como um texto funciona, é preciso levar em consideração as suas condições de produção, que incluem os sujeitos, a ideologia, a memória e a situação.

Orlandi (2012, p. 50) ressalta que a linguagem não consiste em um ato de transmitir uma informação, afinal a língua(gem) serve para comunicar e para não comunicar (Pêcheux, 1988). Para Orlandi (2012), a linguagem funciona como “mediadora (transformadora) entre o homem e a sua realidade natural e social” e a leitura deve ser considerada em seu “aspecto mais consequente, que não é o de mera decodificação, mas o da compreensão”.

No caso das charges, o gesto do leitor não é somente o de codificar os elementos verbais e/ou verbo visuais, mas também e principalmente de estabelecer relações de sentido entre o que é dito (formulação), o já dito (a memória discursiva) e o que é/foi silenciado (o censurado). Segundo Holanda (2016), “[...] deve-se conceber a leitura como processo dialógico e travar uma busca pela compreensão não de enunciações isoladas e monológicas, mas sim de enunciações completas, isto é, de todos os elementos (verbais e extraverbais) constituintes”, ou seja, levando em consideração o contexto de enunciação (eu-aqui-agora) e o contexto sócio-histórico e ideológico.

A respeito da ironia, discursivamente, ela é compreendida como uma prática de linguagem produzida em determinadas circunstâncias ou condições de produção do discurso. Em outros termos, a ironia é produzida a partir de uma enunciação legitimada na história como práxis discursiva com finalidades específicas, de um sujeito historicamente situado e ideologicamente constituído, para um enunciatário igualmente determinado.

Da Psicanálise, a ironia é vista como uma das vicissitudes do ódio, como Kauffmann escreve: “implica na noção de que o humor pode transformar as pulsões agressivas em ódio passível de elaboração pelo *self*, um ódio bem-humorado” (Kauffmann, [s.d.]).

Nessa mesma vertente, Freud (1905) afirma:

Refiro-me à ironia, muito próxima do chiste, e contada entre as subespécies do cômico. Sua essência consiste em dizer o contrário do que se pretende comunicar a outra pessoa, mas poupando a esta uma réplica contraditória fazendo-lhe entender — pelo tom de voz, por algum gesto simultâneo, ou (onde

a escrita está envolvida) por algumas pequenas indicações estilísticas — que se quer dizer o contrário do que se diz.

De acordo com Maingueneau (1997, p. 98),

A ironia subverte a fronteira entre o que é assumido e o que não o é pelo locutor. Enquanto a negação pura e simplesmente rejeita um enunciado, utilizando um operador explícito, a ironia possui a propriedade de poder rejeitar, sem passar por um operador dessa natureza. [...] é da essência da ironia suscitar a ambiguidade e, com frequência, a interpretação não consegue resolvê-la.

Nesta pesquisa, adotamos a perspectiva de Orlandi (1986), para a qual a ironia funciona como elemento que causa uma ruptura no momento em que se estabelecem os processos de significação da linguagem. Dito de outro modo, faz parte do funcionamento da ironia romper com os processos de significação estabelecidos institucionalmente. Lugar do outro sentido, a ironia abre para o equívoco da língua (o real da língua) e da história.

Segundo Brait (1996), a ironia é um conjunto de procedimentos linguísticos que não pertence a um texto (gênero) específico, isto é, ela pode ser produzida independentemente do tipo textual. De nossa parte, temos observado que a ironia é uma das regularidades de textos humorísticos³.

A esse respeito, Brait (1996, p. 15) observa que uma manifestação humorística pode revelar a agressão a instituições vigentes, quanto aspectos encobertos por discursos oficiais, cristalizados ou tidos como sérios.

A ironia, seu efeito humorado, tanto pode revelar-se via um chiste, uma anedota, uma página literária, um desenho caricatural, uma conversa descontraída ou uma discussão acirrada, espaços “institucionalizados” para o aparecimento de discursos de humor, quanto em outros, como a primeira página de um jornal sério e que não tem por objetivo divertir seus leitores. (Brait, 1996, p. 14)

Para Orlandi (1986), a ironia coloca à mostra a incompletude⁴ e a indeterminação da linguagem em razão da polissemia que está em sua base. Acrescenta ainda que a ironia se estabelece na fronteira tênue entre o mesmo (paráfrase) e o diferente (polissemia); ou seja, ela joga sobre o mesmo e o diferente.

³ Como já sinalizamos, a ironia é uma regularidade de nosso *corpus* analítico, como evidenciaremos nas análises mais adiante.

⁴ Vale dizer, incompletude que se funda no fato de que todo discurso estabelece relação com outros discursos e com a situação em que é produzido (exterioridade constitutiva).

Um ponto importante a ser considerado a respeito de seu funcionamento é o fato de que a ironia aponta para a relativização dos significados, isto é, nela e por meio dela as palavras são ressignificadas quando produzidas em uma enunciação específica. Deste modo, “a ironia coloca em causa um corte essencial em que jogam nosso universo linguístico, cultural, ideológico, através da relação crítica com o senso-comum (ou com a ordem legítima)”, de acordo com Orlandi (1986).

O funcionamento discursivo da ironia atesta bem a afirmação de Michel Pêcheux (1983, p. 53) de que todo enunciado é “intrinsecamente suscetível de tornar-se outro”, o que significa dizer que o sentido pode deslocar-se para outras regiões de saber que lhe é distinta, abrindo lugar à interpretação. Para o autor, é a presença do *outro* nas sociedades e na história que faz emergir, no processo de leitura, pontos de deriva possíveis, compreendidos estes como espaços que permitem ao leitor interpretar.

3. A ERA DO TRABALHO DIGITAL

É a partir do contexto de crise permanente do capital em curso desde 1970 que o capital busca cada vez mais novas formas de extrair lucro. Uma delas e talvez a mais eficaz é o uso da tecnologia. Como Antunes (*apud* Fachin, 2018) bem explica, a reestruturação capitalista “é impensável sem o mundo digital, é impensável sem a era do mundo financeiro que ‘revolucionou’ o tempo e o espaço em todas as atividades produtivas”.

No capitalismo, trabalho e tecnologia constituem uma importante relação histórica de interdependência (Luna; Oliveira; 2022). A tecnologia tem um papel fundamental àqueles que detém os meios de produção, já que contribui para o aumento do lucro e permite a redução da força de trabalho. Com vistas aos interesses do Capital, assistimos a um intenso esforço para o desenvolvimento das inovações tecnológicas no mundo do trabalho. Dentro desse contexto, surge a *Indústria 4.0*, também conhecida como *Quarta Revolução Industrial*, “como um componente da reestruturação produtiva permanente do capital, que tem como centralidade a exploração e precarização dos trabalhadores – por meio do trabalho digital” (Luna; Oliveira, 2022, p. 74).

Nesse cenário, tanto o trabalho digital quanto as TICs⁵ convocam um novo modelo estrutural da gestão organizacional dos processos laborais contemporâneo. Esse modelo tem favorecido a ampliação do trabalho morto – por meio das ferramentas e maquinarias robotizadas –, culminando na intensificação da flexibilização e da precarização da força de trabalho (Luna; Oliveira, 2022).

3.1 O TRABALHO DE ENTREGADOR DE APLICATIVO OU ENTREGADORES UBERIZADOS

O trabalho de entregador de aplicativo é um tema de grande relevância e complexidade. Como afirmamos, os avanços tecnológicos e o surgimento de aplicativos de entrega modificaram sobremaneira o setor de transporte e logística, produzindo novas formas de trabalho e de relações trabalhistas. Muitos autores das mais diferentes áreas do conhecimento científico têm investigado esse tema, levantando questões importantes relacionadas à precarização e à exploração que essa nova modalidade do trabalho, impulsionada pela Economia da Tecnologia Digital, tem promovido.

⁵ Tecnologias da Informação e da Comunicação.

Os entregadores de aplicativos, também conhecidos como “entregadores uberizados”, são trabalhadores autônomos que realizam entregas de produtos solicitados por meio de aplicativos em seus próprios veículos ou alugados, geralmente bicicletas, motocicletas ou carros. Eles são contratados como prestadores de serviços pelos aplicativos de entrega e são remunerados por entrega realizada, muitas vezes sem vínculo empregatício formal.

Para melhor explicitar, a forma denominada “uberização do trabalho” consiste no mascaramento de relações assalariadas, que comparecem, no fio do discurso, sob o efeito de “trabalho do empreendedor”, do trabalho do prestador de serviços, resultando em precarização do trabalho e eliminação de direitos. A precarização do trabalho é um conceito importante que, para Soares (2019), está relacionado “às distintas formas de rebaixamento salarial, degradação das condições de trabalho, retirada de direitos trabalhistas historicamente conquistados e fragmentação da classe operária atingindo homens e mulheres.” (Soares, 2019, p. 295). Ou seja, essas novas formas de trabalho interditam a regulação protetiva, o que resvala na exploração do trabalho e na precarização de suas condições (Antunes; Figueiras, 2020).

Citando Pêcheux (1988), como só há causa daquilo que falha, ainda que a uberização conduza à fragmentação, à exploração, à individualização, à intensificação do trabalho, “esse processo, essa intensidade, esse ritmo e essa superexploração do trabalho acabam gerando formas de solidariedade, de sociabilidade” – e de resistência, acrescentaríamos – como, por exemplo, a paralização global da Uber, em maio de 2019, citada por Antunes (2019) em entrevista concedida ao Instituto Humanitas Unisinos.

Por sua vez, o termo “sujeito uberizado” é atribuído aos trabalhadores que seguem o “contrato de zero hora”, tal como foi adotado na Inglaterra (“*zero-hour contract*” em inglês), ou “recibos verdes” em Portugal, ou ainda “voucher” na Itália até 2017, e por aí seguem as versões dessa forma de trabalho nos países que adotam uma agenda neoliberal em sua faceta mais cruel. Todas elas são modalidades de trabalho intermitente, nas quais os trabalhadores são remunerados de acordo com as horas trabalhadas, o que significa dizer que, nessa lógica empresarial contemporânea sustentada pelo Aparelho Digital (Adorno; Nogueira, 2020), o tempo de espera não é considerado trabalho⁶. Esse é um ponto fundamental dessa e nessa nova

⁶ O sujeito uberizado parece ser uma espécie de Sísifo pós-moderno. Vale lembrar que, de acordo com esse mito, o rei grego foi condenado pelos deuses a subir uma montanha empurrando uma pedra pesada. Quando chegava ao topo, a pedra escorregava de suas mãos e rolava de novo até o chão. Sísifo tinha que carregá-la de volta montanha acima, incansável e repetidas vezes, infinitamente. Deslocando esse mito para os dias atuais, temos que o tempo gasto para ir ao encontro da pedra não é computado como trabalho, daí a precarização do trabalho e da vida: o trabalho só é pago quando o sujeito leva a pedra para o topo da montanha, isto é, quando é acionado pelo sistema do app e passa a ser computada a sua entrega (no caso dos entregadores de empresas como *Ifood*, *Uber Eats*, e outras).

forma de organização do trabalho: enquanto os direitos trabalhistas são aniquilados, produz-se a ilusão de que o sujeito é empresário dele mesmo, o dito “empreendedor”, e, por tabela, “parceiro” da organização, resultando na diluição da figura do trabalhador.

Abramos aqui um parêntese para lembrar duas análises sobre esse funcionamento do sujeito como empresa. Adorno (2015) desenvolve um interessante trabalho a respeito do “eu” discursivizado como uma “empresa”. Nessa mesma direção, Bomardelli (2019, p. 85) afirma que “O sujeito trabalhador, agora deslocado para sujeito empresário, é aquele que encarna a memória do empreendedorismo, nas condições econômicas do neoliberalismo, que se submete às regras da empresariabilidade”.

Ao degradar a vida no trabalho, esse mecanismo retórico, característica fundamental da era informacional-digital, se aproxima muito daquilo que se viveu na era da revolução industrial. Para Antunes e Figueiras (2020, p. 6), as plataformas digitais impõem comumente os trabalhadores “o rótulo de autônomo/as, sendo o trabalhador/a remunerado por tarefa ou lapsos temporais mínimos (como horas), sem qualquer garantia de jornada e de remuneração, o que acarreta implicações importantes na dinâmica da gestão e controle da força de trabalho (dada a ausência de compromisso explícito de continuidade.”

Assim, embora haja uma forte exaltação das liberdades individuais na retórica desse novo maquinário de trabalho instalado na contemporaneidade, nunca na história o tempo se fragmentou tanto a ponto de se aproximar do trabalho escravo. A esse respeito, Benardi Bifo (2010, p. 27, *apud* Antunes, 2019) assevera: “Ninguém mais pode dispor de seu próprio tempo. O tempo não pertence aos seres humanos concretos (e formalmente livres), mas ao ciclo integrado do trabalho”, o que nos faz lembrar a célebre afirmação de Marx (2011, p. 312), qual seja: “O capital não tem a menor consideração pela saúde ou duração da vida do trabalhador, a não ser quando a sociedade o força a respeitá-la.”

Para terminar essa parte, importa dizer que, consideramos o digital (as plataformas digitais ou app) como discurso (Dias, 2018) que tem efeitos consequentes nas relações sociais, econômicas e políticas, produzidas pelo digital e suas tecnologias como determinação histórica dos modos de produção da existência. Levando em consideração a forma de nossa sociedade capitalista, temos que o próprio capitalismo, na atualidade, se sustenta sobre o digital e as plataformas tecnológicas globais, como assevera Dias (2020). Para Morozov (2018, p. 7), a tecnologia digital é, entre outros, “um emaranhado confuso de geopolítica, finança global, consumismo desenfreado e acelerada apropriação corporativa dos nossos relacionamentos mais

íntimos”. Nessa via, compreender o funcionamento do digital na relação com o trabalho é compreender “os efeitos de sentidos das tecnologias digitais, da não neutralidade das tecnologias, que funcionam enquanto determinação das relações sociais e políticas, cotidianas, enfim, daquilo que está na base da constituição dos sujeitos, enquanto materialidade dos saberes, das práticas políticas, sociais e discursivas dos sujeitos” (Dias, 2020, p. 113).

4. ANÁLISE DAS CHARGES OS EMPREENDEDORES

♪♪“Um homem se humilha
Se castram seu sonho
Seu sonho é sua vida
E a vida é trabalho
E sem o seu trabalho
Um homem não tem honra
E sem a sua honra
Se morre, se mata
Não dá pra ser feliz”. ♪♪

- Gonzaguinha, 1983.

As charges que compõem nosso *corpus* analítico fazem parte de uma série intitulada “Os empreendedores”, do chargista Toni D’Agostinho, hospedadas no blog do artista cunhado “A caricatura”⁷. Faz parte dessa série um total de 25 charges. Para este trabalho, selecionamos cinco charges representativas do modo de funcionamento discursivo.

Todas as charges foram desenhadas com estilo básico, em preto-branco, exceto os instrumentos de trabalho (mochila, capacete, celular e, em alguns casos, a roupa) são coloridos (vermelho, laranja e verde). Vale dizer que os desenhos mostram os personagens trabalhadores de aplicativos, mas a principal regularidade discursiva é o trabalho irônico com o discurso do empreendedor (empreendedorismo) sobre a sua atividade que constitui a formação ideológica neoliberal.

É possível observar uma regularidade importante em todas as 25 charges que compõem a série *Os empreendedores*: a ironia é produzida na relação entre a denominação “Os empreendedores”, que aparece na parte superior das charges, em caixa alta, e o conteúdo nelas presentes (verbo visual e visual). As charges fazem transbordar as contradições, tensões e conflitos que constituem o trabalho dos entregadores de *app*, fundamentalmente o discurso do empreendedorismo, como já comentamos.

A respeito da charge 1 abaixo, a resposta do entregador à pergunta “Você não dorme melhor sabendo que é seu próprio patrão?” é irônica e, como tal, descontrói (Orlandi, 1986) a ideia de que o empreendedorismo seria algo positivo na vida dessa categoria laboral. Observe:

⁷ Cf. <https://www.acaricatura.com.br>

Charge 1: “Eu não durmo”.



A resposta “Eu não durmo” quebra com a expectativa da pergunta, que supõe autonomia e liberdade associadas comumente, na sociedade capitalista neoliberal, ao trabalho de entregador de aplicativo. No plano do imaginário, espaço de organização dos sentidos, tudo se passa como se, ao ser seu “próprio patrão”, o trabalhador tivesse controle de seus horários e flexibilidade na realização de suas atividades laborais. Na contramão dessa lógica, a resposta do entregador denuncia a realidade precária do ofício e a exaustão que ele promove, o que pode ser observado pelo modo de sua construção morfossintática. Note-se que o verbo “dormir” é conjugado na primeira pessoa do presente do indicativo e tem a função de verbo intransitivo, isto é, o verbo não demanda nenhum elemento ou complemento para fazer sentido, o que, do ponto de vista do discurso, é muito sintomático, pois revela, na memória discursiva, a exploração a qual os entregadores são submetidos. Como afirma Marx (2017, p.116), a produção capitalista é “[...] uma dissipadora de seres humanos, de trabalho vivo, uma dissipadora não só de carne e sangue, mas também de nervos e cérebro.”⁸

Ao dizer “Eu não durmo”, o interlocutor 2, travestido na figura do entregador de *app*, sinaliza que não tem a oportunidade de descansar adequadamente. Essa formulação pode ser

⁸ Noutros termos, essa rede global e perversa da uberização do trabalho consome vidas, o tempo e os direitos dos trabalhadores, *castrando seus sonhos*, parafraseando o trecho da música em epígrafe.

interpretada como um indicativo das dificuldades enfrentadas pelos entregadores, como a falta de tempo para descanso e/ou de ócio criativo (De Masi, 2000) em razão da pressão constante para atender às demandas do trabalho⁹.

A ironia que permeia a charge coloca em evidência a precariedade e os desafios enfrentados pelos trabalhadores desse setor. Mesmo que haja uma aparente (ilusória) autonomia, a falta de sono que está implicada na formulação “Eu não durmo” evidencia as longas horas de trabalho e a constante pressão para cumprir metas e atender às expectativas das empresas-aplicativo.

Dessa forma, a charge mostra um furo no ritual dos *apps*, mostrando suas contradições e abre para a reflexão sobre as condições precarizadas de trabalho dessa categoria. Ela questiona a suposta liberdade e autonomia que essa nova forma de trabalho promete e, ao mesmo tempo, escancara as dificuldades e precariedades vivenciadas pelos trabalhadores. Ao apresentar essa contradição de forma humorística, a charge coloca em questão as condições de trabalho desse setor, tais como garantia de direitos trabalhistas, segurança e melhores condições para os entregadores, tudo o que o Capital e a pauta neoliberal não querem.

O que fica apagado no discurso empresarial, mas transborda, de modo irônico, no discurso que atravessa a charge em questão é o fato de que o empreendedorismo, enquanto discurso, atua como uma medida das empresas-aplicativo de se isentar da responsabilidade de gerir seus trabalhadores, já que seu sistema de trabalho transfere o gerenciamento do tempo para o próprio entregador (Abílio, 2019).

A charge 2 faz referência, no nível intertextual, à fotografia de Tiago Queiroz (à direita), que se transformou em símbolo da precarização da profissão¹⁰. Essa fotografia teve uma circulação importante nos diferentes meios midiáticos burgueses e alternativos nacionais. Justaposta à charge 2 é possível vislumbrá-la a seguir.

⁹ Para De Masi (2000), o ócio produtivo pode permitir a entrada do sujeito no universo da arte, da criatividade e liberdade.

¹⁰ Fotografia extraída do jornal corporativo Estadão, de 07/12/2020, intitulada “O descanso dos *bikeboys*”, do fotógrafo Tiago Queiroz.

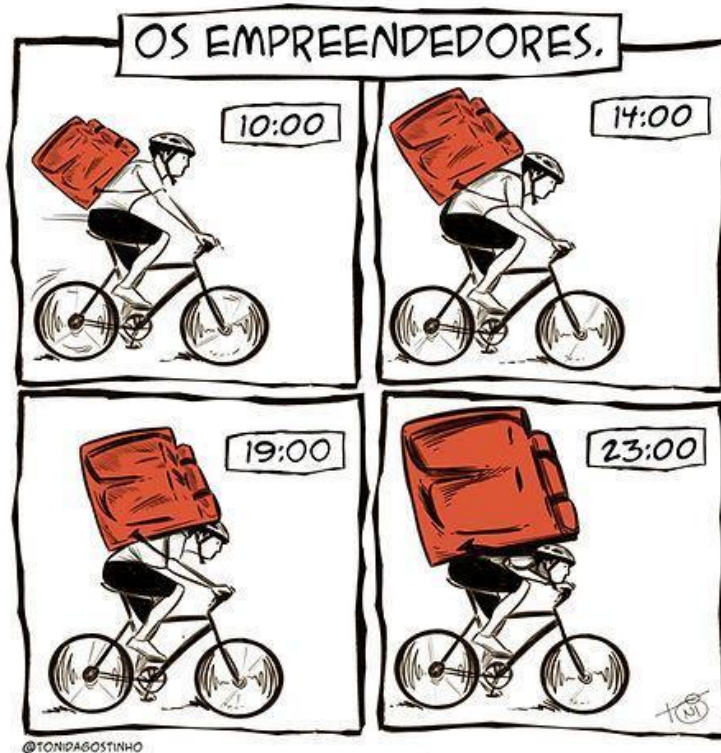
Charge 2: O descanso dos *bikeboys*



A charge traz o cenário natalino como mote. Nela dois entregadores vestidos de papai Noel são retratados descansando, exaustos, em uma pilastra, sob o fundo musical “É Natal”, música esta bastante difundida nos festejos de fim de ano. Pelo plano não verbal, há sentidos em tensão. De um lado, a charge mostra os trabalhadores reféns da lógica neoliberal em que o lucro do capital supera qualquer necessidade humana, no caso o descanso, o sono. De outro, há uma brecha que expõe a parada para o descanso como signo de resistência à lógica de exaustão que esse trabalho configura.

De qualquer forma, a charge coloca em cena o fato de que, para a metabolização do capital, é necessária a superexploração do trabalho (Antunes, 2008), daí a utilização intensa das formas nefastas de precarização dessa classe trabalhadora. A charge 3 que segue materializa bem esse funcionamento de superexploração do tempo dos sujeitos trabalhadores nesse contexto laboral. Observe:

Charge 3: O tempo exaustão



A charge denuncia como o tempo de trabalho nesse contexto das empresas-aplicativo ocupa quase todo o tempo de vida do trabalhador. No eixo da formulação verbo-visual, o trabalhador começa às 10:00 e vai até às 23:00 de modo ininterrupto¹¹. Note-se que a mochila vai aumentando de tamanho à medida que as horas passam, produzindo como efeito de sentido a invisibilidade do entregador e a superexploração que sofre. Ao mesmo tempo em que denuncia, a charge ironiza a ideologia do empreendedorismo, colocando por terra a fórmula “empresário de si mesmo” bastante difundida na atualidade. O discurso do empreendedorismo que exalta as liberdades individuais no contexto da retórica do maquinário digital desaba, resvalando na liquidez do tempo do trabalhador: “O tempo não pertence aos seres humanos concretos (e formalmente livres), mas ao ciclo integrado do trabalho.” (Benardi Bifo, 2010, p. 27, *apud* Antunes, 2019).

Ainda com relação à categoria tempo que a charge traz para a cena discursiva, Feffermann, Luz e Ferreira (2023, p. 7) afirmam “o tempo de trabalho ocupa quase todo o tempo

¹¹ Vale dizer que, na charge, o entregador está ainda trabalhando quando o relógio marca 23:00, isto é, sua jornada não cessou ainda, totalizando dez horas de trabalho.

da vida, expressando-se na: disponibilidade para um possível pedido; espera do cliente; compra no supermercado; espera da entrega dos restaurantes”, entre outros.

Na sequência, a charge 4 expõe os riscos, a insegurança e a vulnerabilidade intrínsecos ao trabalho de entregadores que utilizam motocicletas como ferramenta laboral.

Charge 4: “Tive um acidente”



No diálogo estabelecido entre entregador e empresa: “Socorro...tive um acidente”, “Antes ou depois de entregar a encomenda?”, a charge escancara ironicamente um aspecto fundamental das empresas-aplicativo: eximem-se da responsabilidade inerente aos vínculos empregatícios, dos riscos e custos do trabalho e, ao mesmo tempo, eliminam proteções, direitos e garantias, como afirmam Feffermann, Luz e Ferreira (2023, p. 4).

Acrescente-se, na charge evidencia-se a extrema vulnerabilidade quanto à falta de segurança, à suscetibilidade do trabalho e sua precarização, à inexistência de proteção aos trabalhadores, desresponsabilizando e transferindo para o trabalhador a incumbência de garantir sua segurança, tal como está materializada no eixo intradiscursivo: “Antes ou depois de entregar a encomenda?” Metaforicamente, trata-se de uma pergunta feita por um sujeito representante do Capital, vinculado a uma pauta neoliberal que desumaniza o trabalhador.

Vale dizer que a não responsabilização das empresas-aplicativo em relação aos direitos trabalhistas torna os entregadores vulneráveis frente às condições climáticas ou qualquer outro imprevisto como acidentes ocorridos no trabalho, como é retratado pela charge em questão.

Esse tipo de trabalho se aproxima muito daquilo que Marx (2004) afirmou nos Manuscritos Econômicos-Filosóficos: o trabalhador se transforma em mercadoria, tornando-se um ser estranho, um meio de sua existência individual. Nessa via, o que deveria ser fonte de humanidade se converte em alienação e estranhamento dos trabalhadores. Esse processo de alienação do trabalho não resulta apenas em perda do objeto, mas fundamentalmente do próprio ato de produção, resultado da atividade produtiva já alienada. Noutros termos, no capitalismo, o trabalhador não se satisfaz no trabalho, mas se degrada; não se reconhece nele. Desumaniza-se (Antunes, 2008).

Como é sabido, o empreendedorismo é um discurso que faz parte da formação ideológica neoliberal. Como parte desse discurso, a ideia de parceria está fortemente presente. No plano do imaginário, tudo funciona como se o entregador fosse um empresário que trabalhasse em parceria com os oligopólios, colocando ambas as figuras (proletários e burgueses) em um mesmo patamar social, dissimulando igualdade nas diferentes posições-sujeito: classe operária, de um lado, e a burguesia, de outro. Observe a charge abaixo:

Charge 5: A parceria



Esta charge convoca, na memória discursiva, a ideologia do empreendedorismo, tal como é difundida pelos aparelhos ideológicos de informação (Althusser, 1970) e é deslocada (desconstruída) no diálogo estabelecido entre os entregadores, nos seguintes termos:

Interlocutor 1: “Até hoje não entendi a nossa parceria com o aplicativo de entregas”, em que o colega, sob tom irônico, enuncia:

Interlocutor 2: “A parceria é simples: nós pedalamos pra viver e eles vivem pra lucrar.”

Há um jogo de sentidos produzido entre os verbos pedalar, viver e lucrar. Enquanto os entregadores pedalam - e pedalar aqui significa *trabalhar*, isto é, vender a sua força de trabalho -, os homens detentores dos meios de produção vivem e lucram ao mesmo tempo, às custas da superexploração da força de trabalho daqueles. O jogo simbólico estabelecido entre vida e lucro (empresários), de um lado, e vida e trabalho/pedalo (trabalhadores), de outro, desnuda os sentidos dissimulados que a palavra parceria convoca no imaginário social. Esse jogo linguageiro vai ao encontro da afirmação de Pêcheux (1990, p. 17) que o compreende como forma de resistência. Dirá o autor: “mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras” são formas de resistência da e na língua.

Importa dizer que a formação discursiva pró-empendedorismo, determinada pela formação ideológica neoliberal, atua de forma a produzir a ilusão de autonomia do sujeito, corroborando a lógica do efeito de evidência sob a qual o sujeito-empendedor ergue a si mesmo e sua “empresa” por meio de seu esforço, capacidade e criatividade.

Como é possível observar, o texto chargístico é revelador do que está implicado nessa ideologia empreendedora neoliberal: quem trabalha não é o mesmo que quem enriquece cada vez mais; trata-se, pois, de posições-sujeito distintas do ponto de vista sócio-histórico e ideológico. Assim, embora na lógica do capitalismo de plataforma todos os sujeitos - entregadores e os donos dos oligopólios - passam a ser chamados indistintamente de “colaboradores”, “parceiros” e, conforme Alves (2007, p.172), “supostamente pessoas livres, juridicamente iguais”, a charge denuncia que há parceiros mais iguais que outros. E isto está relacionado ao fato de que vivemos em uma sociedade de classes, o que contradiz com o discurso da igualdade.

5. CONCLUSÃO

Apoiados no aparato teórico-metodológico da Análise de Discurso Materialista na interface com os estudos da Sociologia do Trabalho, o artigo teve por objetivo analisar o funcionamento discursivo de charges que trazem em seu bojo o tema da uberização do trabalho, em especial dos entregadores de aplicativo. O *corpus* analítico foi constituído a partir de charges de autoria do cartunista Toni D’Agostinho, mais precisamente suas charges pertencentes à série intitulada “Os empreendedores”, denominação essa presente em todas as charges.

O resultado das análises mostrou que, por meio do recurso linguístico-discursivo da ironia, as charges desconstruem o discurso do empreendedorismo que está na base do discurso das empresas-aplicativo, colocando em evidência aquilo que ele dissimula: a insegurança, a vulnerabilidade, a destruição dos direitos trabalhistas, enfim, a precarização do trabalho. Como explicitamos nas análises, todas as charges jogam ironicamente com a expressão linguística que dá título a elas, qual seja: *Os empreendedores*. Assim, a partir da elaboração imagético-textual no jogo estabelecido com o título, as charges explicitam ironicamente as condições perversas dessa nova forma de trabalho pós-moderna que caracteriza a economia *gig*.

De nossa parte, as charges, ao desconstruir o discurso hegemônico do Capital, isto é, dos oligopólios de aplicativos, materializam, no plano simbólico (visual e verbo visual), a resistência à precarização que essa forma perversa de trabalho promove e, ao mesmo tempo, denunciam o enriquecimento (lucro) dos grandes empresários, evidenciando seus reais interesses econômicos nessa forma de trabalho contemporânea.

REFERÊNCIAS

- A CARICATURA. Os Empreendedores. A Caricatura. Disponível em: <https://www.acaricatura.com.br/copia-publicacoes-2>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- ABÍLIO, Ludmila C. 2019. Uberização: do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. *Psicoperspectivas Individuo y Sociedad* 18 (3): 41-51.
- ADORNO, Guilherme. **Discursos sobre o eu na composição autoral dos vlogs**. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Unicamp, 2015.
- ADORNO, Guilherme; NOGUEIRA, Luciana. **O sujeito discursivizado como empresa no youtube: trabalho e condições (digitais) de produção**. 9: 1-7. Anais do SEAD, 2020.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Trad. Joaquim José Moura Ramos. Lisboa; São Paulo: Presença; Martins Fontes, 1970.
- ALVES, G. **Dimensões da Reestruturação Produtiva: ensaios de sociologia do trabalho**. Londrina: Práxis, 2007.
- ANTUNES, Ricardo; FIGUEIRAS, Vitor. **Plataformas digitais, uberização do trabalho e regulação no Capitalismo contemporâneo**. *Contracampo*, Niterói, v. 39, n. 1, p. 27-43, abr./jul. 2020.
- ANTUNES, Ricardo. **“Uberização” do trabalho: caminhamos para a servidão, e isso ainda será um privilégio**. [Entrevista concedida ao] Instituto Humanitas Uniensino. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591102-uberizacao-nos-leva-para-a-servidao-diz-pesquisador>. Acesso em: 29 de maio de 2021.
- ANTUNES, Ricardo (Org.). **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil IV: trabalho digital, autogestão e expropriação da vida**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- ANTUNES, Ricardo. Século XXI: nova era da precarização estrutural do trabalho? Seminário Nacional de Saúde Mental e Trabalho. São Paulo, 28 e 29 de novembro de 2008.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas: as não coincidências do dizer**. Trad. Coord. por Maria Onice Payer. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1998.
- BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- CARMELINO, Ana Cristina; POSSENTI, Sírio. Charge, memória e polêmica: o caso Bolsonaro. **Revista Diálogos Pertinentes**, v. 15, nº. 2, p. 27-50, 2019.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**. São Carlos: EDUFSCar, 2009.
- COURTINE, Jean-Jacques. Définition d’orientations théoriques et construction de procédures en analyse du discours. *Philosophiques*, Québec, v. 9, n. 2, p. 239-264, oct. 1982.
- DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Tradução de Léa Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DIAS, Cristiane. Considerações sobre o texto pelo digital. In: **Língua, ensino e tecnologia**. Organizadoras: Cláudia Pfeiffer, Juciele Pereira Dias e Luciana Nogueira. 1ª. Edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes, 2018.

FACHIN, Patrícia. O proletário digital na era da reestruturação permanente do capital. Entrevista especial com Ricardo Antunes. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, 21 ago. 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/582010-oproletario-digital-na-era-da-reestruturacao-permanente-do-capital-entrevista-%20especial-com-ricardo-antunes>. Acesso em: 15 out. 2023.

FEFFERMANN, M.; LUZ, Lila C. X.; FERREIRA, M. D'Alva M. O trabalho de jovens entregadores por aplicativos em tempos de pandemia. Dossiê: Juventudes Latino-Americanas: Desafios e Potencialidades no Contexto da Pandemia. Civitas, Revistas das Ciências Sociais. 23, Jan-Dec, 2023. Disponível em <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2023.1.42494> . Acesso em: 16 de outubro de 2023.

FREUD, Sigmund. El Chiste e su Relación con lo Inconciente. In: **Obras Completas**, volumen 8. Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu. 2ª ed., 1ª reimpressão, 1905, [1989].

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível**: o discurso na história da linguística. Campinas: Pontes, 2004.

HOLANDA, Janete Abreu. A constituição da ironia no gênero tira: uma análise no caderno educacional. *Revista Temporis*. v. 16, n. 2, Número Especial. p. 97-108, 2016.

KAUFFMANN, A. L. Ironia: considerações psicanalíticas. Artigo. [s.d.] Disponível em <http://www.academia.edu/285211/Ironia-consideracoes-psicanaliticadas>. Acesso em 22.set.2023.

LUNA, Nathalia Tamiris Carvalho. Oliveira, Ariadne Samila Martins. Os entregadores de aplicativos e a fragmentação da classe trabalhadora na contemporaneidade. R. Katál., Florianópolis, v.25, n. 1, p. 73-82, jan./abr. 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes: Edit. da Universidade Estadual de Campinas, 3. ed., 1997.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Tradução: Reginaldo Sant'Anna. 25. ed. Livro I, Vol. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Boitempo Editorial, São Paulo, 2004.

MOROZOV, Evgeny. **A ascensão dos dados e a morte da política**. Big Tech. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MOTA, Ilka de Oliveira. **Humorless approach**: análise discursiva de quadrinhos de humor em livros didáticos de inglês como língua estrangeira. São Paulo, SP: Editora Appris, 2018.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. Campinas, Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni. Destruição e construção do sentido: um estudo da ironia. In: Série Estudos Faculdades Integradas de Uberaba, n.12, 1986.

PÊCHEUX, Michel. O papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* **O papel da memória**. Campinas, Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. Tradução: José Horta Nunes. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, n. 19, p. 7- 24, jul./dez. 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Orlandi e outros. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, Michel. **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3ª edição. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1969.

SOARES, José de Lima. Precarização e flexibilização do trabalho no contexto da reestruturação e descentralização produtiva na indústria de Catalão (GO). In: ANTUNES, Ricardo (Org.). **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil IV: trabalho digital, autogestão e expropriação da vida**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

TEIXEIRA, Luis Guilherme Sodré. **Sentidos de humor, trapaças da razão: a charge**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2005.